

Somos todos Zé: como Eliane Brum modifica as Representações Sociais¹

Ana Resende QUADROS²

Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo visa a averiguar como o cidadão comum é representado num jornal online e se de fato a lógica do acontecimento presente no jornalismo hegemônico e aprofundada nos portais de notícias da web pode agregar também desacontecimentos, ou seja, histórias cotidianas que demonstram as violências simbólicas presentes em nossa sociedade. O artigo divide-se em contextualização, referencial bibliográfico, discussão do estado da arte, análise e conclusão. Para testar a hipótese, de que lançando um outro olhar sobre o cidadão homem, é possível criar representações alternativas, foi feito um estudo de caso do primeiro artigo publicado por Eliane Brum no *El País* intitulado “Dois Josés e um Amarildo”. A partir da análise de conteúdo, foi possível afirmar que ordinário e extraordinário podem se misturar em textos para a web, mas de que forma?

PALAVRAS-CHAVE: Eliane Brum; Representações Sociais; Jornalismo; Webjornalismo.

Considerações Iniciais

Nos últimos anos, o jornalismo tenta se redescobrir, buscando a forma adequada de falar com seu público após a chegada da web. Uma das pessoas que enfrentou o desafio de mudar do impresso para o online foi a premiada jornalista Eliane Brum. Se antes ela trabalhava com o desacontecimento e as pessoas comuns, agora, como colunista do *El País*, ela passa a também abordar o acontecimento.

O conteúdo ligado ao imediato está muito associado ao jornalismo feito para a internet. De acordo com Breadshaw (2014), a internet cortou etapas na produção do conteúdo jornalístico. As notícias precisam ir para a web imediatamente após terem acontecido, dificultando a possibilidade de detalhar os fatos e contextualizá-los.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esta pesquisa é financiada pela Capes.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em comunicação da UFJF. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSJ e-mail: anarquadros@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSJ e colaborador no PPGCOM-UFJF, e-mail: luizoli@ufsj.edu.br

Segundo o autor, cabe ao jornalismo impresso aprofundar os temas que foram dados de forma imediata na web. Ao mesmo tempo, a internet tornou mais fácil a verificação de informações e o acesso a dados e pessoas, propiciando uma melhor apuração. Ainda assim, como explica Breadshaw (2014), o jornalismo feito para a internet tem muito mais acessos quando trata de temas considerados menos relevantes, como esportes, arte e entretenimento, que somam 40% da audiência. Quando temas tidos como mais relevantes atingem um público menor. Notícias sobre política, por exemplo, atingem apenas 9% da audiência total.

Eliane Brum vem de uma trajetória de busca por dar visibilidade a pessoas e temáticas ignoradas pela sociedade. Mas como seria possível continuar com esse propósito na internet? Que estratégias a jornalista emprega para manter seu olhar, sobre o invisível? E o que mudou na transição para um novo meio? Estas são as questões que se pretende responder com a análise da primeira coluna de Eliane Brum para o jornal global *El País* denominada “Dois Josés e um Amarildo”, escrita em 2013. Para tanto, foi usado o método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) somada à pesquisa bibliográfica desenvolvida acerca do jornalismo tradicional, seu papel na sociedade e o que se fala de Eliane Brum no meio acadêmico.

Comunicação, Jornalismo e Sociedade

Desde o princípio dos estudos da Comunicação, quando foram constituídas teorias como a Teoria Hipodérmica ou o pessimismo crítico da Escola de Frankfurt⁴, os teóricos eram capazes de perceber uma intrínseca relação entre a mídia e a sociedade. Se antes achava-se que o público era completamente passivo e manipulável, hoje, seguindo uma visão construcionista, sabemos que a mídia influencia a sociedade, mas que o inverso também ocorre.

Entre os principais pensadores dessa perspectiva teórica que enxerga a realidade como uma construção social estão Berger e Luckmann (1998). Para eles, o mundo é composto de diversas realidades e as compreensões delas podem entrar em choque. Os autores acreditam que a mais fundamental é a percepção da vida cotidiana, pois é nela

⁴ A Teoria Hipodérmica, formulada no contexto da década 1920, foi uma das primeiras teorias sobre a emergência do fenômeno da comunicação de massa. Tendo como parâmetro o uso que Hitler fez da rádio como forma de disseminação das ideias nazistas, a hipodérmica acredita que havia um forte poder de manipulação e que os indivíduos eram receptores passivos e facilmente controlados pela mídia. Paralelo a tais estudos, emerge na Alemanha, em 1923, um grupo de estudiosos que fundaram a Escola de Frankfurt e deram origem ao conceito de indústria cultural. Esta seria um processo sofisticado de dominação da racionalidade técnica, um sistema que controla todas as reações do público.

que se exige o máximo da consciência do homem comum. Essa realidade é apresentada ao indivíduo pronta e varia conforme o meio em que ele está inserido. Nós incorporamos o que nos é apresentado antes que tenhamos tempo de influenciar a realidade. Baseados nisso, formamos nossas identidades. Para que isso aconteça, o indivíduo deve passar por socializações.

Como a socialização nunca está completa, é preciso pensar em maneiras de conservação da realidade. Os autores acreditam que a maneira mais fácil de se manter a realidade é por meio da conversa. Contudo, também é por meio dela que se pode transformar a realidade.

Bourdieu (2001), tem ideias similares às de Berger e Luckmann. Para o sociólogo, em nosso mundo existe uma gama de poderes, e é necessário procurar pelo poder simbólico, aquele que geralmente passa despercebido. Essa modalidade só se concretiza com a cumplicidade dos que estão sujeitos a ele e daqueles que o exercem.

O poder simbólico está presente em todos os campos sociais e universos simbólicos que ao mesmo tempo são construídos por ele e ajudam a estruturá-lo. Isso ocorre porque os símbolos são instrumentos do conhecimento e da comunicação e, assim, constroem um consenso quanto a ordem social. É desta maneira que as ideologias, que são representações de interesses particulares, são apresentadas como sendo de interesse coletivo.

Dessa forma, as classes entram em disputa para que sua própria visão de mundo prevaleça sobre as outras. A força dos sistemas simbólicos está no fato de que os poderes exercidos não são percebidos. Esse poder simbólico é, na verdade, o poder de fazer ver e fazer crer, ou seja, ditar o que se crê que é real. O poder simbólico é uma forma de expressão de outros tipos de poder. Os capitais (as vantagens que diferenciam os poderosos) dos outros poderes são transformadas em capital simbólico.

Como a força do poder simbólico está no fato de ele não ser percebido, para Bourdieu, a única maneira de destruí-lo seria revelá-lo, ou seja, destruir a crença na qual ele se baseia, a tomada de consciência de que aquela situação não é natural, mas sim construída.

Narrativa jornalística em uma era de transição

Sendo a sociedade construída, a mídia desempenha um papel central na nossa sociedade. Rodrigues (1990) afirma que a instância comunicativa midiática passa a ser

mediadora da vida social. Fazendo uma intermediação dos outros campos sociais, o discurso midiático assume uma natureza exotérica, ou seja, constrói-se um discurso de fácil compreensão dos repertórios dos demais campos simbólicos.

Rodrigues (1990) afirma que o jornalismo tem um papel fundamental de nos informar sobre o atual estado do mundo. Uma das teorias que vem sendo usada para explicar o funcionamento da mídia e de que forma ela se institui como um referencial de mundo é a teoria do enquadramento noticioso. Porto (2002) explica que alguns caracterizam essa teoria como um complemento à do agenda setting. Se os teóricos do agenda setting, McCombs e Shaw, diziam que a mídia determinava sobre o que o público deveria pensar, o enquadramento funcionaria como um segundo nível de atuação, ao dizer que a mídia poderia influenciar em como as pessoas pensam, ou seja, quais os aspectos de um fato que devem ser observados ou silenciados. Por isso, os enquadramentos são ferramentas de poder. Mesmo que dois textos tratem de fatos idênticos, a maneira como o abordam pode mudar a forma como as pessoas o compreendem.

Contudo, mídia e sociedade vivem em um ambiente de trocas, em que essas duas instancias se influenciam. Basta observar as mudanças no jornalismo desde seu princípio até hoje. Durante o século XIX, o Jornalismo estava muito associado à literatura e ao debate político. Era possível acompanhar um debate nos jornais sabendo de que posição os veículos falavam (BULHÕES, 2007).

Tais características se alteraram com a chegada, no fim do século XIX e início do século XX, do modelo americano, para o qual o jornalismo deve pautar-se pela objetividade e pela lógica do mercado, assumindo o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é. Para atingir esses objetivos os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (BULHÕES, 2007, p. 23).

A primeira experiência com a maneira “moderna” de se fazer jornalismo é creditada pelo historiador Brito Broca a João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto. Para o historiador, João do Rio foi o primeiro cronista a sair do ambiente da redação para apurar os fatos na rua, transformando a crônica em reportagem.

Os textos de João do Rio eram marcados pelo seu olhar humanizado. No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passava por muitas transformações. A

modernização fez com que os pobres fossem “empurrados” para os morros, que se tonaram as favelas atuais. Rozendo e Mega (2014) contam que João do Rio via os excluídos de maneira diferenciada, expondo seus sentimentos e pontos de vista, bem à maneira que Gay Talese faria décadas mais tarde.

Contudo, como explica Bulhões (2007), os anos 1950 foram marcados por um jornalismo distante das letras. Essa mudança derivou do crescimento dos meios de comunicação como empresas de produção industrializada. Foi nesse mesmo período que jornais e revistas sofreram uma ampla mudança na diagramação e passaram a abrigar fotografias em suas páginas. Tudo para atrair a publicidade internacional.

Foi só na década de 1960 e jornalismo e literatura voltaram a se misturar, com o movimento do *New Journalism*. Esse gênero surgiu no princípio da década de 1960, nos Estados Unidos, com as reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*. O nome Novo Jornalismo só foi dado em meados da década de 1960. Seus precursores, como Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, tinham um diferencial em seus textos: a profundidade. Essa nova forma de se fazer jornalismo pode ser vista como uma reação ao jornalismo pasteurizado, de produção quase industrial.

Wolfe (2005) argumenta que esta modalidade não foi criada com a intenção de ser “melhor” e nem mesmo “nova”, mas somente teve espaço porque os romancistas deixaram o realismo de lado. Segundo ele, antes do surgimento do Novo Jornalismo, a ambição da maioria dos jornalistas era se tornar um autor de romances, uma vez que, à época, os romancistas possuíam elevado status social. Impossibilitados de prosseguir carreira literária, os jornalistas dedicaram-se às reportagens especiais, mais profundas do que as do noticiário simples.

Em seus retratos da realidade, os “novos-jornalistas” registravam minuciosamente os gestos, costumes e hábitos de seus personagens, além de descreverem cuidadosamente os espaços e narrarem os pensamentos das pessoas retratadas. Por todo esse detalhamento, os adeptos da nova técnica foram acusados de inventarem grande parte de seus textos. Somando isso à maneira extravagante que alguns, como Wolfe, escreviam seus textos, fizeram dos romancistas e literatos os maiores opositores do *New Journalism* (BULHÕES, 2007).

Atualmente, o movimento que liga jornalismo e literatura é o *New New Journalism*, que se preocupa com aqueles que geralmente não são vistos pela grande mídia. Ele retrata o cotidiano, as subculturas, o linguajar dos personagens. Bem longe

do extraordinário, foco do jornalismo convencional. “O objetivo é assumir o perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2013, p.60).

O que é Acontecimento e Desacontecimento?

O jornalismo tradicional tem como componente mais relevante o acontecimento. Rodrigues (1990) explica que o acontecimento seria um ponto inicial da significação. Ele é visto como o real, que existe de forma independente de opiniões, por isso é usado no discurso jornalístico. Na concepção de Rodrigues (1990), o acontecimento é tudo aquilo que interrompe o cotidiano. Quanto mais improvável, mais distante da vida ordinária, maiores as chances de o fato ir parar nos jornais.

O autor explica que existem alguns fatores que podem fazer com que um fato se distancie dos outros e se torne um acontecimento jornalístico. O mais comum deles é o excesso, tratando-se de uma afloração de um desvio à norma feita ou por indivíduos ou por instituições. Outro fator apontado é a falha, que se caracteriza pela insuficiência ou pelo defeito dos corpos. O terceiro elemento é a inversão, que ocorre quando a rotina é invertida.

Desacontecimento é um termo usado por Eliane Brum para descrever a temática de seus trabalhos. Para ela, buscar o desacontecimento é descobrir o extraordinário no comum. São situações que acontecem todos os dias, que não vão parar nas páginas dos jornais, mas que, nem por isso, deixam de ser importantes. O diferencial de Brum está no olhar, capaz de mudar o foco e perceber o que ninguém mais percebe.

O olhar que enxerga o “invisível” é, segundo Brum (2008), mediado por amor e compaixão pelo outro. Sendo assim, para escrever sobre o desacontecimento, torna-se necessário o uso de novas estratégias. Preocupada em mostrar ao leitor o máximo da realidade, o texto de Eliane Brum é rico em detalhes, para que os leitores possam tomar suas próprias conclusões e fazer suas próprias escolhas, sem se basear apenas na visão da autora da realidade. Ela busca pela complexidade dos fatos, pois, segundo Brum (2008), o fácil é óbvio e, por essa razão, já foi contado antes. Entretanto, para conseguir realizar matérias complexas e detalhadas, é preciso uma apuração exaustiva.

Eu costumo empurrar a mim mesma, ainda que esteja bem cansada, para buscar outra fonte, checar um local onde ainda não passei, procurar mais alguma coisa. Tento conseguir o maior número de informações e detalhes até o limite do tempo (BRUM, 2008, p. 238).

Ainda que Elaine Brum faça um árduo trabalho de apuração, detalhando tudo que viu e ouviu, mesmo que reproduza, em seus textos, a fala de seus personagens da mesma maneira como foram ditas, a jornalista reconhece que não é imparcial. Para ela, os ideais de objetividade e isenção jamais poderão ser atingidos. Ressalta ainda que essa incapacidade deve ficar clara para que o trabalho tenha maior honestidade.

Eliane Brum

O modelo que mistura jornalismo e literatura é empregado por uma das mais premiadas jornalistas brasileiras: Eliane Brum. Ela nasceu na cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, em 1966. Por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho Zero Hora, para o qual escreveu os textos que deram origem, mais tarde, ao livro *A Vida Que Ninguém Vê*.

Durante 10 anos, Eliane foi repórter especial da Revista *Época*, em São Paulo. A partir de 2010, ela passou a atuar como *freelancer* e, desde 2013, assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*. Ao longo de sua carreira, Brum escreveu seis livros, sendo cinco deles de não ficção. Como jornalista, ela recebeu mais de 40 prêmios, entre eles: Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró e, com *A Vida Que Ninguém Vê*, o prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem de 2007.

Dona de um olhar ousado que enxerga o invisível aos olhos comuns, Eliane Brum faz reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários.

O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia* (BRUM, 2006, p. 187).

Os diferenciais de Brum já foram percebidos por outros estudiosos. Rozendo e Mega (2014), por exemplo, comparam o olhar da jornalista ao de João do Rio. Para os autores, os dois funcionariam de maneira complementar. Ele fazendo um “diagnóstico” da miséria e ela trazendo a esperança de que um dia todos serão vistos como iguais. Ambos com o olhar voltado àqueles que não têm espaço nos noticiários e reportando suas realidades de maneira distinta da que é vista nos jornais diários.

Eles não se prendem à objetividade e à imparcialidade jornalística, tanto que muitas de suas narrativas são escritas em primeira pessoa. Além disso, possuem formas de relato que humanizam os personagens ao expor seus sentimentos, medos e aflições; enxergando-os como protagonistas e não como “coisas”. (ROZENDO e MEGA, 2014, p. 14).

Mais inovador ainda é falar do outro usando o eu. Fonseca (2013) explica que Eliane Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo, que pregava a ideia de que é possível ser comportar de forma neutra no jornalismo. Eliane Brum não esconde sua parcialidade. A autora observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Contudo, Eliane Brum não trabalha mais com o estilo que a tornou reconhecida. Tendo migrado para a internet, um ambiente onde reina o imediatismo (BREADSHAW, 2014) e tem pouco espaço para detalhamento e contextualização dos fatos, de que forma a jornalista emprega suas estratégias de destaque de acontecimentos cotidianos e aos cidadãos comuns?

Para entender essa questão, esse trabalho visa a identificar se é possível manter um jornalismo próximo ao cidadão comum na web, além de averiguar como foi feita a representação da imagem dos personagens e da temática escolhida por Brum em sua primeira coluna publicada no site *El País*: “Dois Josés e um Amarildo” (23/11/2013). O objetivo é analisar os seguintes pontos: (1) as imagens dos personagens ordinários e extraordinários construídas pela jornalista; (2) a relação entre acontecimento e desacontecimento presente no texto; (3) a forma como essa abordagem subverte os padrões esperados para a temática.

Para cumprir esses objetivos, foram usadas as seguintes metodologias: (1) Pesquisa Bibliográfica; (2) Pesquisa documental - foi escolhida a primeira coluna publicada por Eliane Brum no *El País* intitulada: “Dois Josés e um Amarildo”, de 26 de novembro de 2013. O texto compara as prisões de José Dirceu e José Genoíno às de pessoas comuns, mostrando suas proximidades e diferenças; (3) Análise de Conteúdo: foi feita uma análise qualitativa para averiguar qual foi o posicionamento de Eliane Brum na construção das imagens das pessoas e da temática que aborda em seu texto

“Dois Josés e um Amarildo”

Quem começa a ler “Dois Josés e um Amarildo”, a primeira coluna que Eliane Brum escreve para o *El País*, acha que tem à sua frente mais uma coluna de *A vida que ninguém vê*, não fosse pelos personagens que ela trata: José Genoíno e José Dirceu.

Brum descreve as cenas que vê: a melancolia nos braços erguidos dos Josés e resistência ao observar seus punhos fechados.

Não há dúvidas de que aquelas não são pessoas comuns. A jornalista descreve seus feitos na luta pela redemocratização, fala como foram torturados e pegaram em armas durante a ditadura. Mas essas pessoas não são mais as mesmas. Seu discurso não atinge a maioria, restringindo-se aos seus pares e a uma parcela dos militantes do Partido dos Trabalhadores.

Para Eliane Brum, o gesto dos Josés não ecoa com o momento em que o país está vivendo. Em 2013, jovens saíram as ruas, supostamente sem uma organização central, para cobrar uma série de mudanças no País. À época, muitos, como Eliane Brum, viam aquelas pessoas como protagonistas de uma luta que acreditavam ser capaz de alterar a forma de se fazer política no Brasil.

Brum acredita que desde junho de 2013 a expressão “preso político” ganhou um novo significado. Se antes Dirceu e Genoino se encaixavam nesse grupo por terem sido perseguidos durante o regime militar, essa não era mais a situação em que se encontravam, apesar de alegarem estar sofrendo uma perseguição.

A jornalista escreve que, naquele momento, os presos políticos eram as pessoas comuns, aqueles que eram vítimas de um Estado democrático que, como nos tempos ditatoriais, continuava a prender, torturar e matar os pobres. Para Brum, nem os Josés nem os presidentes da redemocratização foram capazes de perceber isso. Em especial, a autora se espanta com o PT, partido de Dirceu e Genoino, que, apesar de ser “um partido tão hábil em esgrimir simbologias, não compreender o Brasil forjado no ano que não terminou é uma tragédia talvez maior do que a prisão por corrupção de duas de suas estrelas históricas” (BRUM, 2013).

Ressoando as temáticas de seus trabalhos anteriores, Brum debruça-se sobre quem ela acredita serem os presos políticos da atualidade. O primeiro lembrado por ela é Amarildo, que já estava presente no título da coluna. Ela escreve:

Mártir político é Amarildo de Souza. Favelado, negro, analfabeto, 43 anos, o ajudante de pedreiro conhecido como “boi” pela sua capacidade de carregar sacas de cimento desapareceu em 14 de julho ao ser levado a uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) da Rocinha, no Rio de Janeiro (BRUM, 2013).

Percebe-se que, nessa descrição, Eliane Brum usa tanto técnicas do jornalismo tradicional quanto elementos que demonstram a sua visão sobre o fato. Ela o chama de

“mártir político”, “favelado”, que são expressões evitadas nas notícias para que o ar de objetividade e imparcialidade seja mantido.

Brum não faz nenhuma questão de se colocar como imparcial, pelo contrário, ela garante que sua subjetividade e parcialidade sejam sempre percebidas. Nas frases seguintes, a jornalista retoma ao seu modelo de escrita ao destacar que o que aconteceu com Amarildo é uma política que se manteve nos governos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

A escolha desses três nomes não é aleatória. Esses presidentes, diferente de outros que ocuparam o cargo após a redemocratização, são muito conhecidos por sua luta contra o regime ditatorial. FHC teve que se mudar do Brasil para evitar a perseguição, Lula e Dilma foram presos políticos. Dilma, a presidenta em exercício em 2013, chegou a ser torturada pelos militares.

É por esse histórico que Brum se mostra indignada com a inação dos governos em relação aos abusos sofridos pelos pobres, que acabam presos, torturados e mortos sem terem cometido crime algum.

Em seguida, a jornalista segue relatando a prisão, o desaparecimento e a morte de outras três pessoas em uma forma que se aproxima muito à do *lead* em uma notícia escrita em formato tradicional, sendo a única distinção o fato de Eliane Brum classificá-los como “preso político”, “desaparecido político” e “morto político”. Nesses parágrafos, ela responde às perguntas que o jornalismo utiliza para legitimar seu discurso, chamando-o de objetivo. Cada parágrafo dedica-se a um caso relatado abaixo, respondendo às perguntas clássicas do *lead* para Rafael Braga Vieira, Antônio Pereira e Douglas Rodrigues, respectivamente.

- O quê? “Foi preso [...] sumiu [...] levou um tiro” (BRUM, 2013).
- Quem? “Rafael Braga Vieira, 26 anos, catador de latas, morador de rua, negro. [...] Antônio Pereira, 32 anos, auxiliar de serviços gerais, negro. [...] Douglas Rodrigues, 17 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio e atendente de lanchonete” (BRUM, 2013).
- Quando? 20 de junho; 26 de maio; 27 de outubro.
- Onde? “na Avenida Presidente Vargas, no Rio [...] em Planaltina, no Distrito Federal [...] diante de um bar com o irmão de 13 anos, na Vila Medeiros, em São Paulo” (BRUM, 2013).

-
- Como? “durante uma manifestação. [...] Há suspeita do envolvimento de policiais militares no seu desaparecimento”
 - Por quê? Por “carregar uma garrafa de Pinho Sol e outra de água sanitária. É uma vassoura, mas esta não foi considerada suspeita” (BRUM, 2013). Não se sabe o porquê. “Levou um tiro no peito de um policial numa tarde de domingo” (BRUM, 2013).

Apesar de responder quais foram os motivos do acontecido de uma maneira tradicional, Eliane Brum aprofunda-se no tema quando não se satisfaz com a resposta aparente. Por essa razão, a jornalista os classifica como presos, desaparecidos e mortos políticos. Seu posicionamento fica claro ao acrescentar ao texto a última frase dita por Douglas: “Por que o senhor atirou em mim?”.

A resposta a esses acontecimentos, para Eliane Brum, foi dada nas ruas durante as manifestações de 2013. Ela acreditava, naquele momento, que o povo, ao ir para as ruas protestar e incluir entre suas causas casos como o de Amarildo, poderia representar uma mudança, uma vez que “os brasileiros redescobriram as ruas e deslocaram a política para fora dos partidos e das instituições” (BRUM, 2013).

É nesse ponto do texto que a jornalista retorna a José Genoíno e José Dirceu. Para ela, o gesto dos dois de se classificarem como presos políticos e erguerem os braços se torna melancólico, porque não está atrelado ao presente. Brum também critica Lula e Dilma por se preocuparem mais com a prisão de “figuras históricas” do que com o clamor das ruas. Isso porque as prisões poderiam atrapalhar a candidatura à presidência de Dilma Rousseff nas eleições de 2014, para a qual ela era favorita.

Brum mostra-se desapontada com o Partido dos Trabalhadores. Em vários momentos, a jornalista lembra que o PT, sua estrela e seu principal líder, Lula, são marcados como símbolo de esperança para muitos. Esperança de um país com menos desigualdade, esperança de que o governo realmente viesse do povo e visse seus interesses.

Apesar disso, Eliane Brum percebe uma tentativa do partido de tratar suas estrelas de modo diferenciado, como se sua história os colocasse em um nível superior aos demais. Esse incômodo demonstrado no texto condiz com a crença da jornalista de que todos somos extraordinários e heróis, somos tanto Zés como Ulisses. Então como poderiam esses homens esquecerem de onde vieram e quem costumavam ser? Como poderiam eles se comportar como a elite que criticavam?

O que interessa a Eliane Brum nesse texto não é apenas denunciar a situação das pessoas comuns que são detidas sem motivo, sem julgamento e permanecem encarceradas em condições precárias. O propósito é também expor líderes que acreditavam que o pobre e a elite deveriam ser tratados da mesma forma, pessoas que saíram de condições de miséria e conseguiram chegar ao governo no País e que agora queriam ser tratados como as elites.

É importante destacar, porém, que a jornalista não julga se os Josés foram ou não presos injustamente, nem questiona o fato de receberem tratamentos dignos. O grande problema é que as pessoas comuns não conseguem o mesmo tipo de atenção para as condições desumanas que enfrentam. Genoino conseguiu água filtrada, mas os demais continuam bebendo água da pia. Esse exemplo mostra que apenas presos extraordinários têm os direitos básicos assegurados. “Do partido que diz falar em nome do homem comum esperava-se a grandeza de declarar que mártires são todos os outros. E que direitos de todos não podem ser privilégios de um”, explica Brum (2013).

Ao atrelar as histórias dos Josés à de Amarildo, ao afirmar que estão no mesmo nível, Eliane Brum ecoa o que estava acontecendo nas manifestações, onde levantava-se a bandeira do #SomosTodosUm. Ela reporta que outros nomes importantes como Caetano Veloso e Marisa Monte fizeram um show para arrecadar fundos para a família de Amarildo e destaca que o público usou máscaras com o rosto do homem que ela chama de mártir, reforçando a ideia de unidade.

A escolha feita por Eliane Brum para o desenvolvimento do seu texto demonstra que há uma união também entre duas formas de se fazer jornalismo, usando a lógica tanto do desacontecimento quanto a do acontecimento.

Em seus trabalhos anteriores como em *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*, Eliane Brum tinha a pobreza como um de seus principais personagens, fazendo uso tanto de sua própria subjetividade quanto das subjetividades de suas fontes para mostrar uma realidade ignorada (QUADROS, 2018).

Brum continua expondo violências simbólicas, deixando claro que as questões de desigualdade são construídas. No caso de “Dois Josés e um Amarildo”, ela demonstra uma mudança nos papéis sociais ocupados pelas pessoas. Em algum momento, Dirceu e Genoino deixaram de ser homens comuns e passaram a agir como a classe que os oprimiu.

Apesar de os temas abordados por Brum permanecerem, a forma como ela os expõe é diferente da que fazia em seus trabalhos anteriores. Se antes ela se preocupava em usar as palavras de suas fontes, apresentar as perspectivas delas sobre o mundo em que viviam e não tinha necessidade que algo de especial acontecesse para que contasse suas histórias (QUADROS, 2018), sua atuação como colunista a impõe outro estilo.

Agora, Eliane Brum privilegia a sua opinião sobre os temas, sem deixar muitos espaços para as falas de seus personagens. Nem Genoíno nem Dirceu foram ouvidos, que é uma característica condizente com seu modelo anterior de não entrevistar aqueles que já eram ouvidos pela mídia, chamados por Quadros (2018) de fontes tradicionais. Ao mesmo tempo, os outros personagens também só são vistos pela óptica de Eliane, sem frases que indiquem que ela possa ter conversado com amigos ou familiares das vítimas para produzir uma narrativa mais próxima do individual.

Na coluna do *El País*, Brum parece se importar com o coletivo. A individualidade dos personagens não é mais seu foco. Se em *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua* serviram de espaço para provar que somos todos extraordinários (QUADROS, 2018), em “Dois Josés e um Amarildo” ela demonstra como somos todos ordinários e, se assim o é, precisamos ser tratados da mesma maneira, fazendo com que direitos básicos que hoje são privilégio de uma elite política ou econômica se tornem a norma.

Considerações Finais

Em seu primeiro artigo para o *El País*, pudemos observar que Eliane Brum mescla o desacontecimento com o acontecimento, pessoas comuns e “famosas”. Mais do que isso, ela as insere em um mesmo nível de importância. E, ao fazer isso, suscita o público a olhar para situações que geralmente ignoram e vê-las como não naturais. Essa atitude de exposição das construções sociais, como afirma Bourdieu (2001), favorece que essa realidade seja transformada.

A jornalista conta a história de Amarildo, que, como tantos outros antes e depois dele, foi levado pela UPP e desapareceu. Brum o apresenta como mártir político, comparando sua realidade com a que os dois Josés viveram durante a ditadura militar. Contudo, ela aponta que não se vivia mais em uma ditadura e que os governos democráticos não fizeram nada para prevenir casos como o de Amarildo.

Brum descreve objetivamente, aos moldes do jornalismo tradicional, que vários outros homens pobres e negros foram presos, mortos ou desapareceram na democracia, possibilitando que o público acredite na veracidade dessa história em um grau maior do que faria caso narrasse nos moldes da literatura. Já a apresentação dos Josés é bem mais literária, ao descrever seus gestos e adjetiva-los.

Com esse recurso, a jornalista inverte as posições dos personagens. Os políticos, que estão sempre nas notícias, vão para a literatura, enquanto os excluídos sociais, sempre incluídos por ela no universo literário, são colocados no âmbito do jornalismo. Porém, essa inversão os aproxima, ao ecoar a crença de Brum de que não existem pessoas mais ou menos especiais que outras.

Mesmo tendo ocupado posições políticas importantes, a partir do momento que se tornem réus, Dirceu e Genoino são enquadrados sob o prisma de cidadãos comuns condenados e presos, passando, na cadeia, por situações similares a de todos os outros. A autora procura evidenciar que, assim como os “Josés”, há no Brasil milhares de sujeitos condenados à invisibilidade, por uma mídia hegemônica que também julga e sentencia. A diferença é que os Josés podem ser ouvidos e os Amarildos não.

Para tanto, Brum usou uma estratégia que funde suas temáticas, antes não necessariamente ligadas a um acontecimento específico, à temas que já estavam sendo debatidos pela mídia tradicional. Ela faz uso das prisões de José Dirceu e José Genoino, bem como da ampla cobertura dada às manifestações ocorridas em 2013 para retratar a realidade não vista.

Em sua coluna, Eliane Brum continua a falar do cidadão comum, mas o faz de forma distinta da que fazia em suas reportagens. Os personagens não mais apresentam muitas descrições e a eles não é dada a oportunidade de falarem por si. Contudo, sua busca por provar que pessoas comuns são extraordinárias e vice-versa, continua.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2011.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRUM, Eliane. **Dois Josés e um Amarildo**. Disponível em; <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/25/opinion/1385417332_769557.html>. Acesso em 3 de maio de 2019,

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BRUM, Eliane. **O Olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo**: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade? In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.17-20.

_____. Vida, paixão e morte de nossa senhora Realidade. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.21-37.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS (Sessão “Estratégias de Comunicação e Política: Teoria e Pesquisa” do GT Mídia e Política: Opinião Pública e Eleições), Caxambu/MG, Brasil, 22 a 26 de outubro de 2002, 25p.

QUADROS, Ana Resende. **Marcas de um olhar**: um estudo das obras de Eliane Brum Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2018.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Editorial Presença; Lisboa, 1990.

ROZENDO, Suzana e MEGA, Vinícius Mizumoto. A Humanização dos Relatos em João do Rio e Eliane Brum: Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: **Anais do 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia** “Mídia e Memórias do Autoritarismo” (GT 1 – História do Jornalismo), 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/a-humanizacao-dos-relatos-em-joao-do-rio-e-eliane-brum-observacao-e-consonancia-que-perpassam-o-tempo/view>> Acesso em 02 de agosto de 2016.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.